

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MILLENA GOMES DE SOUZA

**O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: A
HABILIDADE DE LEITURA POR MEIO DE GÊNEROS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**

PONTES E LACERDA/MT
2013/1

MILLENA GOMES DE SOUZA

**O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: A
HABILIDADE DE LEITURA POR MEIO DE GÊNEROS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**

Pontes e Lacerda/ MT
2013/1

MILLENA GOMES DE SOUZA

**O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: A
HABILIDADE DE LEITURA POR MEIO DE GÊNEROS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**

Monografia apresentada ao
Departamento de Letras da Universidade
do Estado de Mato Grosso, Campus
Universitário de Pontes e Lacerda, como
requisito parcial para obtenção do título
de graduado em Letras. Sob orientação
da Prof.Ms. Carmem Zirr Artuzo.

Pontes e Lacerda – MT
2013/1

ESTA MONOGRAFIA FOI APRESENTADA E DEFENDIDA PERANTE A
SEGUINTE BANCA

ORIENTADORA: Prof.Ms.Carmem Zirr Artuzo.

ORIENTADORA: Prof. Rita de Cassia S. Penteado

ORIENTADOROR: Prof.Ms.João Vanes S. Tobias

PONTES E LACERDA – MT

Dedico este trabalho monográfico ao meu avô *Sebastião Gomes Paslandin In Memória*.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter conseguido chegar até o final deste curso.

Aos meus pais pelo incentivo, Creuza M^a Gomes de Souza e André Andreino de Souza.

Aos meus irmãos Mislene Gomes de Souza Marques e Miraldo Gomes de Souza.

Aos Meus sobrinhos adorados Luiz André Souza Marques, Giovanna Souza Marques e Manuella Balke de Souza.

As minhas tias Vera Lucia da Silva e Maria Novaes da Silva.

A minha Vó Donina Novaes.

As minhas primas Fernanda Novaes Carvalho e Mariana Novaes Carvalho, e os demais familiares que aqui não citei.

E a minha orientadora a Professora Ms. Carmem Zirr Artuzo.

Aos meus amigos: Adrieli Gama Palermo, Amilton Cesar Montani, Apoliana de Sousa, Elaine Silva Rodrigues, Erica Rodrigues Piva, Hellen Carla de Oliveira, Jesiele Rodrigues, Lindomar Oliveira *in memória*, Lourdes Borges, Luzielha de Almeida Xavier, Mirian Paixão e Neucy Medeiros.

*“Mas tenho medo do que é novo e
tenho medo de viver o que não entendo
- quero sempre ter a garantia de pelo
menos estar pensando que entendo”.*

Clarice Lispector

Sumário

Introdução-----	10
Capítulo I	
1.0 Leitura e o Sociointeracionismo -----	12
1.1 A abordagem do Inglês Instrumental-----	14
1.2 A Proposta do PCN em LI-----	16
1.3 A visão Sociointeracionista-----	18
1.4 Metodologias no ensino de língua Inglesa -----	19
1.5 Leitura por meio de gêneros história em quadrinhos-----	21
Capítulo II	
O estágio -----	29
Capítulo III	
Análise e Discussão dos dados-----	32
Considerações Finais-----	35
Referências Bibliográficas-----	36

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir a cerca de metodologias, para que o processo de ensino/aprendizagem seja mais amplo e participativo em Língua Inglesa. Com base em textos teóricos, procurarei mostrar propostas de trabalho em leitura por meio do gênero histórias em quadrinhos. Sabendo das reais dificuldades existentes no meio educacional, procuramos relacionar processos que atribuam um melhor posicionamento. Apresentar práticas de ensino fundamentadas na abordagem discursiva e na abordagem do inglês instrumental. Tais práticas possibilitam à construção de conhecimentos de língua estrangeira.

Palavras-chaves: Sociointeracionismo, ensino/aprendizagem, habilidade de leitura.

Abstract

This paper aims to discuss some methodologies for the teaching / learning to be broader and more participatory in English. Based on theoretical texts, I try to show on reading through the comics genre. Knowing the real difficulties in the educational environment, I try to relate processes that assign better placement. Present teaching practices grounded in discursive approach and the approach of English for specific purpose. Such practices allow the construction of foreign language skills.

Keywords: Sociointeractionism/teaching / learning, reading ability.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar sugestões teóricas metodológicas para o ensino/aprendizagem de (LI). Podemos ressaltar que existe um grande número de estudos e abordagens sobre esse processo e sobre a linguagem. Desde os anos 70, o ensino de LI, bem como das demais línguas estrangeiras (LE) vêm sendo questionado, em relação à maneira que está sendo trabalhado no meio educacional.

Com base em alguns textos teóricos, procuro mostrar atos que podem contribuir para melhorar a qualidade no processo de ensino aprendizagem de LI, com intuito de apresentar caminhos possíveis para transformar a prática pedagógica do profissional de ensino de línguas na escola. Com proposta, faço uma reflexão sobre o ensino da habilidade de leitura por meio das estratégias da abordagem do inglês instrumental e dos gêneros textuais. Como referências usaremos: Shalter (2002), Garcez. (2002), Bakhtin (2003), Cosson (2006), Benassi (2009), Souza (2011) entre outros

Desde muitos anos a LI, vem sendo estudada de forma um tanto fragmentada na escola, pois, as quatro habilidades são vistas como algo separado, estanque umas das outras. Segundo Souza (2011, p. 12), *o ensino de inglês vem sendo organizado ao redor das quatro habilidades (reading, writing, listening e speaking).*

A prática de ensino está ligada as quatro habilidades: ler, escrever, ouvir e falar. Mas cabe ao educador trabalhar estas habilidades de forma integrada para um melhor desempenho na aprendizagem da LI. As estratégias de leitura da abordagem do inglês instrumental, embora sejam estudadas isoladamente, podem ser aliadas ao trabalho com os gêneros discursivos. Isso implica trabalhar com seqüências didáticas e com todas as habilidades da língua alvo.

Assim, de forma contextualizada, as características de um gênero atribuem significado sócio cultural aos textos que o aluno tem que ler e compreender por meio das estratégias de leitura. Com base nisto, usaremos a leitura e compreensão do gênero história em quadrinhos, por ser uma ótima ferramenta de expressões e situações do cotidiano dos alunos, faz com que estes se envolvem mais e aprendem a LI de maneira mais divertida e participativa.

Os professores podem ministrar aulas mais motivadoras se considerarem o nível, as necessidades e particularidades da turma em que vai trabalhar. O nível de desenvolvimento dos alunos, enfim, os elementos que interferem diretamente no processo de construção de conhecimento na sala de aula. Vale lembrar que um texto, tomado com instrumento de comunicação ou interação social alcança seu objetivo quando encontra os interesses ou necessidades dos interlocutores.

Capítulo I

1.0 Leitura e o Sociointeracionismo

Neste capítulo apresento a teoria que fundamenta esta pesquisa. Descrevo como a habilidade de leitura pode ser direcionada na LI, com base na abordagem do inglês instrumental e do sociointeracionismo. Em seguida, aponto algumas citações de autores como, Schlatter e Garcez (2002) Marcuschi (2008), entre outros. Descrevo também como os documentos PCNs abordam a questão do ensino da LI. A aquisição da LI, a partir das contribuições das estratégias de leitura, podem conferir às aulas mais motivação e produtividade. Analisando o tema sob uma ótica sóciointeracionista, Ana Paula Marques Beato-Canato (2011), mostra o pensamento de Ramos (2005) e cita os principais motivadores para o planejamento de aula. Que são:

(...) a centralização nas necessidades do aluno, que determinam os objetivos e o planejamento do curso; (...); a visão de língua como meio / instrumento para um desempenho eficaz na situação-alvo; o uso de material autêntico; o trabalho com estratégias de leitura; [e] a organização do curso de modo a contribuir para o desenvolvimento da autonomia do aluno, considerando sua curta duração e a necessidade que o estudante teria de utilizar a língua em situações reais de trabalho ou estudo; (...) (p. 03)

É importante para o desenvolvimento da habilidade de leitura e para o sucesso da aprendizagem que o professor consiga despertar o interesse de seus alunos oferecendo-lhes assuntos ou temas que motivem à leitura, com aulas mais diferenciadas para assim chamar a atenção do educando. É necessário ainda, que professores e alunos estejam em constante interação para que a aula tenha um melhor desempenho.

Para iniciar o trabalho com a leitura de textos na língua alvo, é interessante primeiramente realizar a pré –leitura que “(...) visa possibilitar que o aluno ative conhecimento anterior (conhecimento prévio ou enciclopédico) sobre o tema, afim de facilitar o processo de interação que ocorre durante a construção de sentido pela leitura” Dias s/d (p.35). Neste momento, o professor não apenas contextualiza o texto que vem a seguir, convocando o conhecimento de mundo detido pelo aluno para a construção dos sentidos, como também desperta o interesse e a percepção do aluno para o modo como a língua produz sentidos em determinado contexto. Para Leffa:

Ler é um fenômeno que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto, essencialmente um seguimento da realidade que se caracteriza por refletir um outro seguimento. Trata-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeros subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de

comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre leitor e o texto. (1996, p.24)

Para uma boa leitura, é necessário que o leitor possa compreender pelo menos de modo geral determinado texto. No entanto, cabe ao educador envolver seu educando em processos de habilidades de leitura para fazer com que ele goste daquilo que está lendo. *“Nessa perspectiva, o professor deve criar situações para a leitura dos textos sobre um determinado tema, procurando relacionar os conteúdos às experiências do aprendiz, ouvir suas opiniões, ressaltar os pontos positivos e negativos de uma determinada questão controversa”.* (2009, p.2). Esta fala de Benassi, vem como uma proposta para fazer com que o professor fique atento em preparar aulas que envolvam os alunos, com conteúdo do dia a dia mostrando – como é bom ler e entender textos na língua alvo.

Nos dias atuais, são poucos os professores que ministram aulas de maneira instigante, motivadora, e que oferecem conteúdos interessantes que envolvam os alunos em sala, a grande maioria fica presa em passar textos somente para que o educando possa traduzir. Mas, para fazer com que os alunos possam entender a LI, é necessário que sejam envolvidos em situações que vivem, tanto em sala como fora dela, fazendo com que compreendam textos sem traduzir palavra por palavra.

Geraldi 2008 (p. 107 e 108) cita três perspectivas de como indagar um texto:

- Leitura – busca de informações;
- Leitura – estudo do texto;
- Leitura – fruição do texto.

O autor ressalta práticas e perspectivas para um bom desempenho com os alunos em sala de aula. Mas vale lembrar que o bom professor é aquele que desperta o seu educando a vontade pela leitura, atribuindo-lhe, atividades significativas para sua aprendizagem e que chamem a atenção e o mais importante, o educador tem que gostar daquilo que faz, para ter um bom desempenho em sala.

1.1 A abordagem do Inglês Instrumental

Procurando atender a demanda nacional, a abordagem instrumental foi introduzida no Brasil na década de 70, com ótima aceitação. Teve como líder a professora Dra. Maria Antonieta Alba Celani. Nos dias atuais, estamos rodeados de palavras estrangeiras o que nos possibilita um breve contato com a LI . Mas será que há

muitos leitores interessados em LI? Esta pergunta nos faz refletir e analisar sobre a maneira que o ensino de LI esta sendo ministrado. No decorrer do estágio curricular III, VII semestre do curso de Letras obtive a oportunidade de ter uma experiência no ensino de LI no ensino médio.

Achei instigante para mim, como professora iniciante a maioria dos alunos participaram das aulas de forma ativa. Trabalhamos com a prática do inglês instrumental, uma ótima abordagem de ensino para desenvolver a aprendizagem por meio de estratégias de leitura e interpretação de textos. Os alunos ficaram motivados e acharam muito interessante o modo como a aula foi direcionada.

A abordagem instrumental possui o objetivo de preparar o leitor para compreender textos específicos na LE. Existem estratégias para contribuir na leitura e compreensão de textos como: PRE-TEXT ACTIVITIES, visa à leitura e a interpretação de textos, explorando o conhecimento prévio do aluno sobre o assunto de um texto, fazendo com que ative, relembre o que sabe de informações sobre o que vai ler; SKIMMING tem por objetivo fazer com que o aluno identifique palavras pistas não verbais, palavras repetidas, conhecidas, cognatos, que podem facilitar a compreensão do assunto geral de um; determinado texto; SCANNING, nesta estratégia o aluno pode formular perguntas que gostaria que fossem respondidas sobre o texto, antes de se aprofundar na leitura e então, ir em busca de informações específicas dentro de texto que lhe são requeridas. GRAMMAR POINT, visa apontar um breve estudo gramatical dentro do que é importante para o entendimento do texto na língua alvo. CONCLUSION, nesta estratégia o leitor tenta responder todos os questionamentos sobre as hipóteses levantadas durante a estratégia *scanning*.

Abaixo, apresento um dos textos que usamos na regência em LI, em que aplicamos as estratégias de leitura da abordagem do Inglês Instrumental:

Unit 7

Is money a
funny matter?



De acordo com Souza (2011, p. 12), *o ensino de inglês vem sendo organizado ao redor das quatro habilidades (reading, writing, listening e speaking)*. Na educação básica, a prática de ensino pode ser desenvolvida a partir das quatro habilidades, com ênfase na habilidade de leitura, em que as estratégias de leitura sejam trabalhadas para facilitar a leitura e compreensão dos textos na LI e proporcionar um aprendizado mais significativo da língua, pois a leitura contribui para o bom desempenho nas outras habilidades. Cabe o educador atribuir estas estratégias para um melhor desempenho em sala de aula. As aulas de LI devem ser apresentadas com mais motivação, para que o aluno se sinta mais vontade de aprender em sala. Às vezes pensamos que a falta de interesse é somente do aluno, mas às vezes pode ser do professor também.

Para Kincheloe (1997: 116): *“A prática, portanto, é um solo fértil para que o docente encare/assuma o desafio da pesquisa, onde o objeto de investigação faça parte de seu cenário pedagógico diário, permitindo-lhe refletir e melhor atuar sobre ele”*. Esta fala de Kincheloe ressalta tudo que já comentamos a respeito da posição que o educador deve ter em sala, se este não estiver empenhado em buscar melhorias na sua prática pedagógica em sala de aula, já mais haverá um bom desempenho no que diz respeito à prática em LI.

1.2 A proposta do PCN em LI

Os PCNs trazem uma discussão teórica interessante que os professores podem ler e refletir sobre, afim de aprimorar seus métodos para um melhor rendimento na aprendizagem dos alunos em sala de aula, tanto no ensino fundamental como no ensino médio. Buscamos ressaltar alguns fatos que os PCNs mostram a respeito de como poder ser o trabalho em LI. Os PCNs (1998, p.19) apontam:

A aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Isso pode ser viabilizado em sala de aula por meio de atividades pedagógicas centradas na constituição do aluno como ser discursivo, ou seja, sua construção como sujeito do discurso² via Língua Estrangeira. Essa construção passa pelo envolvimento do aluno com os processos sociais de criar significados por intermédio da utilização de uma língua estrangeira.

Cabe ao professor possibilitar situações sociais que envolvam os alunos a utilizarem a língua alvo de maneira que possam fazer o uso a nível discursivo, compreendendo e se fazendo compreender na LI. O professor ainda pode tentar ver as particularidades de cada aluno dentro da sala de aula para tentar abranger as

necessidades específicas deles. *“É importante garantir ao aluno uma experiência singular de construção de significado pelo domínio de uma base discursiva, que poderá ser ampliada quando se fizer necessário em sua vida futura ou quando as condições existentes nas escolas o permitirem”* .(1998,p.19).Outro modo de instigar o aluno é fazer com que ele esteja à vontade em sala, para utilizar a língua alvo de forma mais fluente possível e, principalmente, para falar sobre ele, sobre suas idéias, opiniões, etc.

O professor é responsável pela metade da motivação do aprendiz de línguas. A outra parte é intrínseca, interna do aprendiz. Às vezes o educador fez um ótimo trabalho em uma determinada série com seu aluno, fazendo com que o educando participe da aula, o aluno faz todas as atividades, mas quando este passa para a uma série adiante e é outro professor que não tem as mesmas habilidades da série anterior, fica muito mais complicado para o aluno se interessar pela LI novamente. É como se um determinado professor matasse a vontade do aluno em aperfeiçoar a LI.

A língua inglesa compõe o currículo da maioria das instituições em todo o território nacional, com carga horária de duas horas semanais nos ensinos fundamental e médio. Isso devido à lei 11.165/2005 em vigor,que exige a oferta de ao menos uma língua estrangeira, considerando que sua aprendizagem pode possibilitar o conhecimento de outras culturas e a melhor compreensão da própria (BRASIL, 1998).

Podemos perceber que o ensino de LI é muito importante, pois, existe em todas as instituições de ensino, sendo lecionado por duas horas semanais, segundo a lei 11.165/2005. O ensino LI contribui para que o aluno tenha acesso às culturas estrangeiras, para que este possa estar em constante desenvolvimento com o mundo. PCNs/LE:(1998):

Que o ensino da Língua inglesa não é visto nas escolas como componente importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Pelo contrário, frequentemente, essa disciplina não tem um lugar privilegiado no currículo, sendo esta ministrada, apenas nas séries finais do ensino fundamental.(p.24)”

No entanto, o governo estabelece uma carga horária mínima para a disciplina de LI nas escolas, o que prejudica a aprendizagem dela. Fazendo com que o educando não se interesse muito pela língua alvo.

(...) na verdade a aprendizagem em sala de aula é uma extensão de um desafio diário: a necessidade de interagir a partir de percepções comuns do mundo ou da criação de perspectiva comuns. A diferença é que, na sala de aula, o propósito do evento, interacional é de ensino e aprendizagem e se baseia, quase sempre, em uma relação assimétrica. Isso faz com que o conhecimento sobre a natureza da interação em sala de aula seja crucial para professores e alunos.Note-se ainda que, isto é, nos andaimes que constrói para facilitar a aprendizagem. (p.59)

Podemos ressaltar que para obter resultados significativos é necessário que o professor de LI, esteja em constante pesquisa, reflexão e desenvolvimento naquilo que

faz, apenas dessa maneira poderá ter melhores resultados no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. Hoje em dia, com as metodologias da abordagem instrumental, a aula de LE fica muita mais produtiva, e muitos professores já atendem a mudança de uma aula mais diferenciada para que o educando possa interagir mais pela LE na sala de aula.

1.3 A visão Socio-interacionista

Esta pesquisa se baseia no interacionismo-sociodiscursivo que se pauta na metodologia de BRONCKART(1999; 2006), que visa desenvolvimento do ensino de línguas por meio de trabalhos com os gêneros discursivos. Vygotsky foi um dos primeiros a estudar, de acordo com Wilians (1997), os estudos dele foram muito eficazes em relação ao ensino aprendizagem de línguas. Para Vygotsky: *“a função primordial da fala, tanto nas crianças quanto nos adultos, é a comunicação, o contato sócia”*l. (1995, p.17 e 18) Segundo o autor (1995, p.37 38), o pensamento são raízes diferentes, mas que se inter-relacionam durante todo o percurso de desenvolvimento do ser humano, ou seja, partindo de uma visão interacionista é necessário que o indivíduo esteja interligado na cultura e que ele esteja em constante desenvolvimento.

É necessário que o aprendiz de LI desenvolva capacidades socialmente significativas em situações de uso da língua alvo, tanto no ensino fundamental, como no médio, capacidades estas que possam proporcionar um melhor aprendizado na LI. Mas, é claro, que para que o aluno possa ser motivado em sala é necessário que o educador passe conteúdos que chamem a atenção do aluno para que gostem da LI.

1.4 Metodologias no ensino de Língua Inglesa

As metodologias de ensino de línguas tem se desenvolvido muito nos últimos anos. No Brasil, nas duas últimas décadas, o ensino aprendizagem de LE tem sido objeto de estudo contínuo e reflexivo, tanto no que diz respeito às teorias que embasam as diferentes metodologias, quanto no que se relaciona com a visão da língua em cada abordagem. A linguagem passou a ser considerada em sua natureza interativa, a ser vista como discurso, como uma ferramenta primordial de comunicação social, não podendo ser dissociada de seus falantes e de seus atos, das esferas sociais e dos valores ideológicos.

Como consequência dessa concepção, pode-se chegar à conclusão de que é através da língua aplicada que o homem pode agir no mundo, transformando-o e adequando-o para atingir seus objetivos. Em todas as áreas de conhecimento e em todas as disciplinas aprendemos através de práticas de leitura e de escrita que circulam na sociedade, práticas essas que contribuem para ampliar a visão de mundo, trabalhar o senso de cidadania e desenvolver a capacidade crítica.

Nessas práticas, os gêneros, como uma atividade social da linguagem, cumprem este papel, pois são modos de significar o mundo. As propostas dos Parâmetros e Orientações Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira indicam a leitura como prática contextualizada e crítica de linguagem, sendo norteadas por textos que circulam nas várias esferas da atividade humana, ou seja, um ensino de leitura que privilegie os gêneros a fim de preparar o aluno para agir com a linguagem em diferentes contextos sociais.

Diante de todo esse desenvolvimento teórico e metodológico, surge uma questão: O que falta para que o professor consiga adequar a sua prática pedagógica às novas propostas teóricas e metodológicas? Essa questão passa por muitos aspectos, alguns que envolvem a tomada de decisão do próprio profissional, outras que dependem da decisão do governo. Não é o propósito deste estudo adentrar nessas questões governamentais, mas fazer propostas de estímulo ao professor para que este, mesmo com uma remuneração não muito satisfatória, com a carga horária da disciplina bem reduzida, com excesso de alunos por sala, possa melhorar a sua prática pedagógica, e com isso, melhorar os resultados na aprendizagem de LI.

A aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Levando a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da cultura estrangeira. PCNs(1998 p.37)

Analisando a citação acima, podemos perceber que a aprendizagem de uma LI, está ligada ao processo de desenvolvimento do aprendiz como um todo, incluindo uma melhor compreensão até da língua materna e da cultura do aluno.

Uma proposta que acredito ser interessante e motivadora é a aplicação das estratégias de leitura do Inglês Instrumental na prática de ensino de inglês, em que é possível de se trabalhar com a grande diversidade de gêneros discursivos, inclusive com os gêneros mais simples, comuns ao dia a dia. No período de regência em LI no Estágio

Curricular Supervisionado III, obteve a oportunidade de usar as estratégias aplicadas no gênero história em quadrinhos. Na ocasião, os alunos ficaram muito motivados, foram participativos e buscaram compreender as tirinhas, os resultados foram surpreendentes.

Cosson (2006) define que a motivação como a *“Antecipação – refere-se às várias operações que o leitor executa antes de penetrar no texto propriamente dito.”* Por isso é importante preparar e motivar o aluno antes de iniciar a leitura do texto. Despertar a curiosidade e ativar o conhecimento prévio do aluno sobre o assunto do texto faz com que os alunos sintam mais vontade e obtenham maior entendimento a respeito do seu conteúdo. Além disso, é de suma importância trabalhar a habilidade de leitura dessa maneira para que os alunos tenham um bom desempenho com textos escritos em LI, o que produz autonomia e auto confiança. Então, podem se tornar cada vez mais participativos e empolgados nas aulas.

Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há moldura, uma situação que lhe permite interagir de modo criativo com as palavras. É como se a necessidade de imaginar uma solução para um problema ou de prever determinada ação os conectasse diretamente com o mundo (COSSON,2006, pág. 65).

Esta fala de Cosson vem para fechar o que dizemos a respeito da relação entre o leitor e o uso das estratégias de leitura de textos, em que a maior possibilidade de compreensão e interação com o assunto do texto aumenta a confiança e a motivação do educando. O trabalho com conteúdos relacionados à vida cotidiana, também faz com que o educando sinta mais interesse para realizar as atividades, resultando em maiores benefícios para a aprendizagem de LI. Segundo os PCNs:

(...) na verdade a aprendizagem em sala de aula é uma extensão de um desafio diário: a necessidade de interagir a partir de percepções comuns do mundo ou da criação de perspectiva comuns. A diferença é que, na sala de aula, o propósito do evento, interacional é de ensino e aprendizagem e se baseia, quase sempre, em uma relação assimétrica. Isso faz com que o conhecimento sobre a natureza da interação em sala de aula seja crucial para professores e alunos. Note-se ainda que, isto é, nos andaimes que constrói para facilitar a aprendizagem (p.59).

Podemos ressaltar que para obter resultados mais significativos é necessário que o professor de LI esteja em constante pesquisa, reflexão e desenvolvimento naquilo que faz, apenas dessa maneira, poderá ter melhores resultados no que diz respeito ao processo de ensino aprendizagem.

1.5 Leitura por meio de Gêneros Histórias em Quadrinhos

Sabemos que existem vários tipos de gêneros textuais/discursivos, pois toda a comunicação humana seja oral ou escrita se dá através de gêneros. Alguns são caracterizados ao modo como o texto está sendo apresentado ao leitor, o layout, por exemplo, que são as margens das páginas, a estrutura de um texto a forma como está sendo organizado. Explorar as inúmeras características de um determinado gênero contribui para a contextualização social da língua a ser estudada, possibilitando melhor compreensão e, conseqüentemente, atribui mais qualidade na aprendizagem de LI.

Nesse sentido, o uso das estratégias de leitura por meio de gêneros histórias em quadrinhos é deferido como importantes ferramentas no ensino aprendizagem em leitura, que oferece aos educandos um breve contato com a linguagem em diferentes tipos de textos dentro das interpretações e expressões dos quadrinhos. Haja vista que para trabalhar com gêneros, na abordagem discursiva de ensino de línguas (a que trabalha com os gêneros discursivos), o professor não “passa” significados, mas os sentidos são construídos pelo aluno, por meio de reflexões, interações, questionamentos criados pelo professor, que os levam a alcançar a compreensão e, conseqüentemente, a desenvolverem a habilidade de leitura, bem como a aprendizagem da língua alvo.

Para Lima, é de suma importância trabalhar com os quadrinhos, pois, faz com que os educandos prestem atenção e interpretem o que cada quadrinho diz. A escolha dos gêneros histórias em quadrinhos foi realizada em virtude de o público alvo ser alunos do ensino médio. Para Bakhtin (2003):

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) (...). O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [esferas da atividade humana], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua- recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais-, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional [...]. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Sabemos que os gêneros podem ser enunciados orais ou escritos, expressões e situações que se concretizam na ação por meio da língua. Para Marscusi, os gêneros textuais são textos materializados encontrados na vida cotidiana e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI, 2005, pág. 22- 23).

No estudo de línguas é muito importante que o educando esteja em contato com textos de diferentes gêneros e que eles sejam explorados quanto às suas características e contextos. Com a compreensão dos gêneros discursivos em seus contextos de produção e uso, a língua alvo passa a ser melhor compreendida pelo aluno. O entendimento do

contexto social e das características dos gêneros amplia a possibilidade de aprendizagem da língua alvo. De acordo com os PCNs, (1998, p.23):

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou àquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas”.

Segundo os PCNs, os gêneros necessitam ser trabalhadas como objetos no ensino aprendizagem em LE, ou seja, para que possam possibilitar o aprendizado da língua alvo. Nesta perspectiva há inúmeros tipos de gêneros textuais na língua, que podem ser eficazes na aprendizagem. É interessante que o educador prepare os conteúdos com gêneros a partir do nível da proficiência dos seus alunos.

O trabalho com o gênero tiras em quadrinhos pode ser muito proveitoso. No decorrer da regência em LI, no Estágio Curricular Supervisionado III, apresentamos aos alunos imagens para que eles falassem a respeito do assunto de cada texto. Eles acertaram tudo, pois, as imagens mostram os sentidos sem precisar fazer uma leitura mais aprofundada.



Nesta imagem acima, temos as chamadas metáforas visuais, nem precisamos de leitura para entender esta expressão que o quadrinho acima retrata, só de ver os gestos já percebemos que a personagem Mônica agrediu o Cebolinha com seu coelhinho. Estas são as marcas que os quadrinhos nos proporcionam, já sabemos do que se trata sem precisarmos ler. Os quadrinhos têm estas vantagens de nos mostrar funcionalidades. Lima (p.04) ressalta que para ter um bom resultado trabalhando com quadrinhos é necessário que exista:

- _ Funcionalidade;
- _ Intencionalidade;

- _ Domínio ao qual está inserido;
- _ Suporte ao qual está fixado;
- _ Como se estrutura;
- _ Elementos linguísticos presentes.

Mas para que o educador possa trabalhar com quadrinhos, é necessário que ele entenda cada função que os quadrinhos representam, cada expressão ou intenção. Estes elementos fazem com que o educando entenda como cada quadrinho se fundamenta. Para Marcuschi (2005, p.12), “*A produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral*”. No entanto, o autor ressalta que a produção textual é um jogo coletivo que está em constante movimento. Existem vários tipos de quadrinhos. Lima em seu artigo na p.06 mostra a estrutura de cada desenho em forma de quadrinhos com cada nome:

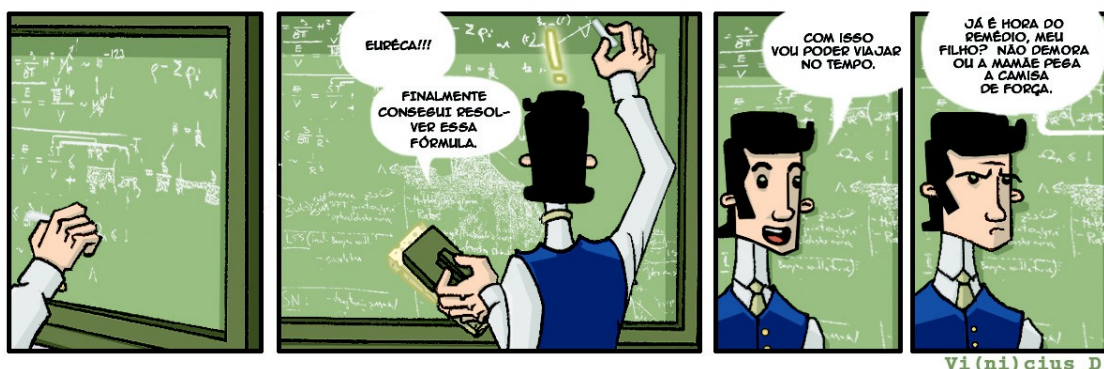
Desenho ou Vinheta

Esta figura acima se chama desenho ou vinheta, usada para expressar ambientes e ações que são eficazes para entender o que está havendo no momento.



Requadro

Chamada de requadro a figura acima, se caracteriza em margens de uma vinheta é formado por uma linha demarcada ou uma moldura.



Linhas Cinéticas

As linhas sinéticas servem como um elemento comunicativo, ou seja, reconhecimento visual dos elementos representado.



Balão

Os balões servem para indicar ruídos expressões como perguntas, pensamentos, gritos, o pontilhado que é cochicho, de amor que é o formato de coração e de idéia estas são as expressões dos balões.



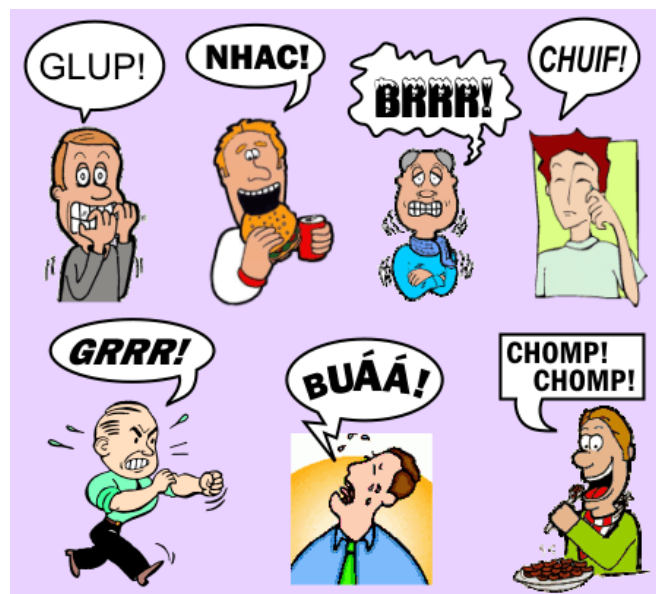
Recordatório

São expressões que compõem a caixa de texto inserido na vinheta, ou seja, tem a função de mostrar ai leitor fatos em história em quadrinhos anteriores.



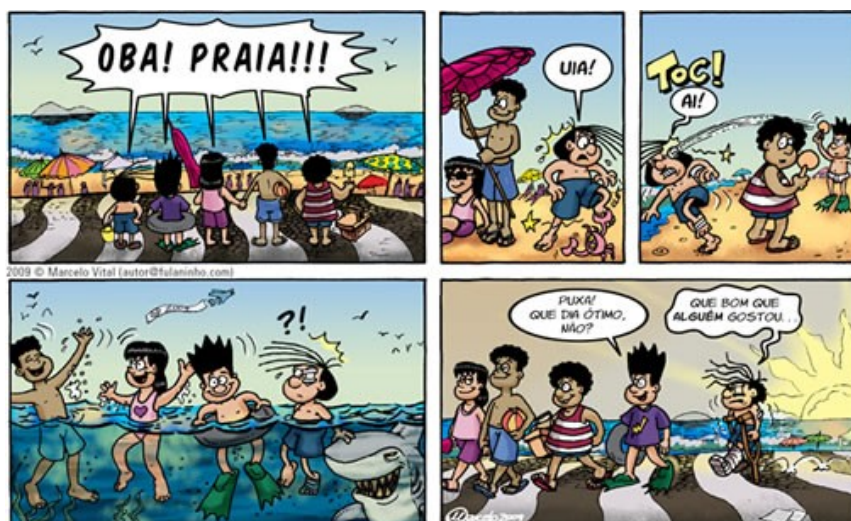
Onomatopéias

Se caracterizam em palavras como sons ambientais como ruídos.



Metáforas visuais

Acontece quando uma imagem se caracteriza em uma ação visual do seu significado original.



Cor

Ela apresenta não só apresenta o modo estético do personagem, mas também expressões, ações e movimentos dos personagens.



No entanto, trabalhar com quadrinhos em LI é de suma importância, porque pode aumentar o interesse do aprendiz pela língua alvo e por possibilitar o ensino da língua de forma contextualizada. Segundo Lima, os gêneros textuais sendo tomados como objeto de ensino de LE poderão possibilitar o desenvolvimento das habilidades necessárias para que o educando possa adquirir a proficiência na língua alvo. Essa possibilidade se deve a grande variedade de gêneros textuais existentes na língua, de acordo com seus objetivos, situações e contextos sociais de produção.

Poderíamos ter alunos mais motivados e interessados, se os professores de LI adotassem a abordagem discursiva de ensino de línguas, usando os gêneros como instrumentos de ensino e trabalhassem a habilidade de leitura por meio da abordagem do inglês instrumental. Diante disso, teríamos alunos mais desenvolvidos na habilidade de leitura, na interpretação e até para a vida de um modo geral.

CAPÍTULO II

O ESTÁGIO

No Brasil desde 1930, o estágio está presente nos cursos de licenciatura, e não é por acaso que faz parte da formação de professores, tornando-se indiscutivelmente útil. De forma geral atualmente, a lei que regulamenta essa prática é a Lei de Estágios, nº 11.788, publicada no dia 26 de setembro de 2008, estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

No mundo contemporâneo em que vivemos, é preciso considerarmos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, em que e o futuro professor entenda a docência como profissão que se realiza em espaço e tempo específicos. Essas transformações intervêm na prática do professor e significam a necessidade de um processo formativo que apresente um treinamento para a atuação profissional, sendo o processo de um profissional crítico, reflexivo, pesquisador e capaz de efetivar modificações e ajustes que forem necessárias à sua prática pedagógica.

Sabemos como é difícil encontrar professores dispostos a “deixar” terem estagiários em suas salas de aulas, auto imagem profissional dos professores já licenciados, geralmente, permanece em baixa, pois a maioria, se graduou a vários anos e estes ficam sujeitos às várias linhas de pesquisa e perspectivas de educação vigentes em nossas universidades, uma vez que estas estão em constante mudança. E a prática pedagógica de um professor põe em questão sua própria formação de professor na universidade. Segundo Telles isso se torna um grande problema para construirmos elos entre a escola, a sala de aula e as universidades, que ao longo do tempo, foi se tornando um mostruário de novos talentos, ou seja, é o lugar em que se revela um profissional capaz de desempenhar o papel ao qual foi designado.

Na escola o estagiário tem em mente um método para ministrar suas aulas, por meio dos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos na universidade, e com o estágio verifica ou consolida seus conhecimentos. O estágio serve como um teste que constitui um momento de aquisição e aprimoramento de conhecimentos e de habilidades essenciais ao exercício profissional, é o momento em que o aluno universitário põe em

prática aquilo que aprendeu durante os anos da universidade, é a hora de confrontar teoria e prática.

Tanto o estagiário quanto o professor, em parceria, devem trabalhar engajados na produção de sentidos sobre a prática pedagógica. O professor reflete e produz sentidos sobre suas ações e a sala de aula. O estagiário, por sua vez, produz sentidos sobre aqueles produzidos pelo professor, construindo, assim, quadros de significados que comporão o conjunto de conhecimentos adquiridos através das experiências. Desta maneira, os resultados do estágio serão relevantes para sua futura prática e contribuirão para o desenvolvimento de suas atividades profissionais. Nesse sentido, o tempo de contato entre estagiário e professor é determinante na qualidade das aulas, que no final o que importa é a mediação do conhecimento.

Os professores estão mais voltados para o “saber fazer” enquanto que os acadêmicos se empenham nas origens, evoluções e construções de paradigmas. Por isso se faz importante a diálogo. O estágio deve ser visto como um espaço de formação, que consiste em desenvolver habilidades necessárias à prática docente, que nada mais é que a produção de saberes para ensinar, bem como à reflexão sobre a atividade docente. Segundo Gómez (1998, p. 29), a formação do professor reflexivo ganhou força no meio educacional, nos últimos anos, pois,

A capacidade de voltar sobre si mesmo, sobre as construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenção. Supõe a possibilidade, ou melhor, a inevitabilidade de utilizar o conhecimento à medida que vai sendo produzido, para enriquecer e modificar não somente a realidade e suas representações, mas também a próprias intenções e o próprio processo de conhecer.

É válido ressaltar que o estágio permite a integração entre conhecimentos teóricos e práticos que dão oportunidade ao futuro professor, de tornar-se investigativo, e sendo aluno-professor deve-se adotar uma postura crítico-reflexivo. Isso nos faz entender que ao alcance do objetivo tão almejado, só será possível desde que haja possibilidade de uma formação reflexiva de professores.

O estágio supervisionado caracteriza-se como um momento indispensável na formação, pois possibilita, aos futuros professores, a interação com o campo de atuação. Esta atividade formativa propicia a experiência nas diversas situações de ensino-aprendizagem e nos desafios da prática pedagógica. A forma de organização e as vivências desenvolvidas no estágio são fundamentais no exercício da atividade, pois é a iniciação do aluno-professor docente. É necessário que os futuros professores vejam a

escola não somente como lugar onde irão desempenhar suas atividades profissionais, numa idéia de somente ensinar ou transmitir informações, mas necessariamente onde também se aprende, assumindo uma postura ativa diante dos desafios da profissão.

Capítulo III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Aprendizagem de uma LI

Durante a experiência que vivenciei na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, meu objetivo foi instigar o aluno a aprender a LI, ampliar o conhecimento e uso da língua materna e estrangeira, trazendo uma melhor compreensão do mundo e de si próprio enquanto sujeito e cidadão. É de suma importância aprender a LI, para assim melhorar o posicionamento não só no meio educacional, mas para o processo de crescimento da vida. Para Paiva: *Aprender a língua inglesa é tão importante como aprender uma profissão. Esse idioma tornou-se tão necessário para a vida atual, que para conseguir aprimorar qualquer atividade profissional, seja no campo da medicina, da eletrônica, física, (...) temos de saber falar inglês (...)* (p.18). Nos dias atuais, saber uma LE é de grande prestígio, não só para a prática docente, mas também para a nossa vida. No Brasil, já existe uma grande maioria de pessoas que já falam fluentemente a LI, mas ainda há uma grande falta de interesse por parte de alguns. No entanto, o educador deve aprimorar métodos de ensino para chamar mais atenção de seus alunos, e fazer com que possam interessar cada vez mais pela aprendizagem da LI. “Numa formulação que coloca teoricamente o posicionamento prático com a marcação dos objetivos, a aprendizagem de LE contribui para o processo de formação integral do aluno e representa muito mais do que uma mera aquisição de formas e estruturas lingüísticas em um código diferente” (p. 13). Desta forma, ela centra o interesse do ensino de língua nas habilidades comunicativas dos alunos. O ensino se liga a uma questão prática: a necessidade de interação em um contexto de globalização que faz da aquisição de uma LE algo imprescindível.

Schlatter e Garcez (2002) nos demonstram que atualmente se tem reconhecido que a principal deficiência do ensino de LI nas escolas compreende a falta de integração entre o conteúdo que se aprende e a prática social. Essa visão nos permite caracterizar o ensino de línguas com implicações políticas. A metodologia aplicada pelo professor em sua aula indica um posicionamento crítico e ideológico que mostra o modo como seus alunos interagem com a aprendizagem da língua. Percebemos que as necessidades

de aprendizagem se relacionam na didática selecionada com a realidade do aluno no contexto social em que ele está inserido.

É de suma importância que as tarefas, atividades elaboradas para a aula de LE sejam pensadas à luz da premissa de que devem formar no aluno habilidades para interação social. As estratégias de leitura aplicadas em gêneros textuais/discursivos atendem a essa necessidade de contemplar os contextos sociais, por possibilitar o desenvolvimento das habilidades que podem facilitar a compreensão de textos, da cultura da LE, bem como ajudam na aquisição da língua e preparam o aluno a utilizar-se dela em interações sociais. Vale lembrar que para um bom desempenho na aprendizagem de LI, em sala de aula, é importante que professor x aluno e alunos x alunos estejam em constante interação utilizando a LI para comunicar e expressar seus pensamentos, construindo a formação discursiva na língua alvo.

Durante a experiência nos três estágios na área de LI, pude constatar que os professores não estão aplicando metodologias que os documentos OCEM e PCNs sugerem, nem as estratégias da abordagem do Inglês Instrumental. Na maioria das escolas, o ensino está muito precário, com professores e alunos desmotivados em sala. Os professores, geralmente, ainda usam metodologias com foco na gramática e tradução de textos para ensinar a LI, e isto desmotiva o aprendiz que passa a sentir uma certa aversão pela aprendizagem da língua.

Para mudar esse cenário, é necessário que os professores pensem na sua formação continuada, a fim de ampliar mais o conhecimento deles, tanto linguístico, como teórico metodológico, para assim desenvolver uma prática de ensino de melhor qualidade. Mas, não estamos generalizando todos os professores que ministram LI, estamos apenas apresentando características que estão acontecendo no meio educacional, que fazem com que os educandos não gostem de estudar a LI.

No decorrer do estágio III, aplicamos as estratégias de leitura do Inglês Instrumental sobre o gênero histórias em quadrinhos, os alunos, no primeiro momento, quando viram os textos acharam que era para traduzir. Para nós, isso não foi nenhuma novidade, pois já sabíamos que o ensino funcionava dessa maneira. Mas cabe a nós, como futuros professores de LI, tentar mudar esta realidade para que nossos alunos ao chegarem ao ensino superior possam saber mais a LI, bem como para que possam construir conhecimento de maneira prazerosa e participativa na sala de aula. Se todos os professores pudessem aplicar essas metodologias aqui sugeridas, talvez nossa realidade educacional no processo de ensino aprendizagem fosse outra, com professores mais capacitados e alunos bem mais interessados.

Concluimos então, que o principal papel do professor de LI é criar possibilidades de interação para os alunos dentro da sala de aula, fazer com que participem mais de atividades contextualizadas socialmente para um melhor desenvolvimento na aprendizagem de LI. Por sua vez, o insucesso e a falta de interesse de alunos e professores na escola se dão pela continuidade de práticas ultrapassadas e desmotivadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que as estratégias de leitura aliadas aos gêneros textuais/discursivos oferecem ao professor a oportunidade de um trabalho mais reflexivo com a língua, que permite ao aluno um contato com textos da LI de maneira contextualizada. Na medida em que o aluno desenvolve suas habilidades linguísticas na LE, este pode ampliar seu potencial de compreensão do mundo e de si mesmo. O desenvolvimento do aluno consiste em seu aprimoramento para situações reais de interlocuções. Então, o texto escrito oferece as bases para que ele possa interagir com o conhecimento, reconstruí-lo e interagir de modo que venha a compartilhar o que está adquirindo na LI.

Essa metodologia visa inúmeras possibilidades e o trabalho com a língua alvo de maneira contextualizada, bem como traz para a aula o dinamismo esperado para agir na conquista dos alunos pela aprendizagem. É claro que exige do professor a percepção dos interesses dos alunos, além de seu nível de desenvolvimento na língua. Assim, é necessário que o professor conheça e interaja constantemente com sua turma. Na realidade, esse tipo de prática docente, com inúmeras turmas e com tantos alunos, se torna um verdadeiro desafio. Contudo, existem muitos recursos à disposição do profissional de ensino, o que pode contribuir ainda mais para que os bons resultados alcançados motivem os professores para essa ação pedagógica.

Profissionais de ensino de línguas, deixo aqui minhas sugestões: busque um caminho para conquistar seus objetivos, tendo em mente a melhoria do processo de ensino aprendizagem de LI. Vale ressaltar ainda que esse estudo visa trazer uma pequena contribuição aos profissionais envolvidos com o ensino de LE, mas tenho a noção de que não é o único caminho a ser seguido, apenas penso que pode possibilitar um trabalho mais produtivo no processo de ensino aprendizagem da língua alvo.

Referências Bibliográficas

A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (org.) **Gêneros textuais e ensino**. 4 ed.

Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BEATO-CANATO, Ana Paula Marques. **O trabalho com línguas para fins específicos em uma perspectiva interacionista sociodiscursiva**. Rev. bras. linguist. apl., Belo Horizonte, v. 11, n. 4, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino fundamental 3º e 4º ciclos: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSSON. Rildo. **Letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS, Reinildes prime 3: **Inglês para o ensino médio 2ºed.** São Paulo Macmillan 2010

DIAS, Reinildes. Língua Estrangeira: Ensinos Fundamental e Médio. **Uma Proposta Curricular da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais**.

GÓMEZ, A. **O pensamento prático do professor – a formação do professor como profissional reflexivo**. In: NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 93-114.

KINCHELOE, Joe. **A Formação do professor como compromisso político: mapeando o pós-moderno**. Porto Alegre, Artmed, 1997.

LEFFA, Vilson J. **Ensaio Aspectos da leitura, uma perspectiva sociolingüística**. Ed. Sagra - D.C. Luzzatto, Porto Alegre, 1996.

MARCUSCHI, L.A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO,

SCHLATTER, M. & GARCEZ, P. M. Treinamento ou educação no ensino de língua: **escolha metodológica ou política?** PAIVA, V. M., DUTRA, D & MELLO H. (Org.), Anais do VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada: a linguagem como prática social. Belo Horizonte: ALAB/FALE/UFMG, p. 1-15, 2002.

<https://www.google.com.br/imagensbalõesquadrinhos> (acesso em 26/05/2013)

<https://www.google.com.br/imagensmetaforasvisuaisquadrinhos> (acesso em 26/05/2013)

<https://www.google.com.br/imagenscorquadrinhos>(acesso em 26/05/2013)

<http://erida-souza.blogspot.com.br/2010/12/o-genero-textual-historia-em-quadrinho.html>
(Acesso em 20/04/2013).